

# Jorge de Sena e o Minotauro: ao desterro, sempre!

Alessandro Barnabé Ferreira Santos\*

## Resumo

Jorge de Sena foi, sobretudo, poeta, que, “nascido em Portugal, de pais portugueses,/e pai de brasileiros no Brasil [...]”, terá sido “[...] talvez norte-americano quando lá estiver”, testemunham versos seus. Este artigo pretende analisar o poema “Em Creta, com o Minotauro”, publicado em **Peregrinatio ad loca infecta** (1969). Para tanto, o artigo divide-se em três momentos distintos, mas conectados: apresentação breve da obra na qual o poema está inserido, a partir do aspecto que lhe dá coerência interna: o tópico do desterro e da peregrinação; análise do poema a partir do sintagma “dedo sujo” e a sua relação com a experiência de desterro; conclusão.

Palavras-chave: Paisagem. Poesia. Jorge de Sena. Testemunho.

Recebido em: 30/03/2017

Aceito em: 03/07/2017

---

\* Universidade de São Paulo (USP). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

## 1 Peregrinatio ad loca infecta: apresentação

O título **Peregrinatio ad loca infecta**<sup>1</sup>, obra em que aparece o poema a ser analisado neste artigo, foi dado por Jorge de Sena de modo irônico e caricatural a uma *Peregrinatio ad loca sancta*, “[...] espécie de guia e relatório devoto, artístico e prático do peregrino da Terra Santa, que constitui um dos mais preciosos documentos existentes para o estudo do latim vulgar” (SENA, 2013, p. 453), e dá a ver algumas questões importantes que chamam a atenção para a presença da paisagem — *loca infecta* — na obra do poeta: o título suscita um pensar sobre a paisagem porque anuncia um percurso de peregrinação, ou seja, um vagar no mundo que lembra as peregrinações cristãs por lugares sacros. Entretanto, a peregrinação do poeta, suscitada por seus múltiplos desterramentos, é de outra ordem.

O adjetivo *infecto*, com o qual o poeta caracterizou os lugares pelos quais percorreu, nada tem em relação a um qualitativo de ordem negativa, que indicasse infecção ou rejeição pessoal da jornada trilhada e dos espaços que o acolheram em seus múltiplos exílios. Sobre essa chave interpretativa, a da infecção, Jorge de Sena confessa o contrário, num prefácio de título curioso, “Isto não é um prefácio”,<sup>2</sup> em que esclarece de modo rigoroso: “Mas não se deve, de maneira alguma, supor que a ideia de ‘peregrinação aos lugares infectos’ possa ser assimilada a uma expressão das amarguras de ser-se um ‘peregrino da América’,<sup>3</sup> como tenho sido, e da Europa

1 A obra poética de Jorge de Sena pode ser encontrada em três coletâneas distintas: 1. Moraes Editores, os volumes **Poesia-I** (1977), **Poesia-II** (1978) e **Poesia-III** (1978); 2. Edições 70, os volumes **Poesia I**, **Poesia II** e **Poesia III** (1989); por fim, 3. Guimarães Editores: os volumes **Poesia 1** (2013), dedicado à obra poética que Jorge de Sena publicou em vida, e **Poesia 2** (2015), à obra poética que ficou por ser publicada. Todas as referências à obra poética de Jorge de Sena, aqui citadas, foram retiradas da publicação mais recente; logo, de **Poesia 1** (2013), sob edição de Jorge Fazenda Lourenço.

2 “Isto não é um prefácio” poderia ser o título de todos os prefácios que acompanham as publicações existentes da obra de Jorge de Sena. Com efeito, aquilo a que convencionalmente chama-se prefácio converte-se, na obra do poeta, em verdadeiros ensaios e meditações acerca de sua poesia, estes realizados com a intenção de fornecerem um guia orientador da leitura dos poemas que ali vão escritos, uma preocupação constante na vida de um poeta que fora obrigado a lidar por longo período com a alcunha de intelectualista, para não dizer hermético, dado o modo como seus primeiros leitores enxergaram a sua poesia.

3 Jorge de Sena faz “[...] alusão ao romance didático (e tremendamente medíocre e enfadonho) **Compêndio Narrativo do Peregrino da América**, Lisboa, 1728, de Nuno Marques Pereira, que os primeiros historiadores da literatura brasileira, no seu afã de escrever patrioticamente do que não havia, desenterraram do esquecimento em que havia caído (após ter conhecido, ao que se diz, grande sucesso ao tempo da publicação), para desempenhar o papel histórico de primeira obra brasileira de ficção.” (SENA, 1969, p. 23) Trecho de nota explicativa acerca do “peregrino da América”. O poeta comenta, ainda, que a crítica brasileira à época já não considerava a obra de tanta importância, não tanto por suas qualidades estéticas internas, mas pelo fato de que se descobriu a não naturalidade brasileira, e sim portuguesa, de seu autor.

por fim, há cerca de dez anos.” (SENA, 2013, p. 453). Os lugares de que fala são infectos precisamente porque a visão que deles se imprime é aquela mesma visão profunda, extraída de uma “vigilância” atenta, contínua e consciente que tem Sena do mundo, da poesia e da humanidade. Uma vigilância expectante como aquela observada no instante imagético-sonoro da queda do vaso da China, durante a audição da peça de Debussy, de onde saem apenas papéis velhos e sujeira, presente no seu poema “La cathedrale engloutie”, de Debussy.<sup>4</sup>

Quando se olha para o interior da obra, encontra-se a seguinte estruturação feita em cinco partes, unidas em perfeita comunhão e coerência: “Portugal” (1950-1959), “Brasil” (1959-1965), “Estados Unidos da América” (1965-1968/1969), “Notas de um regresso à Europa” (1968-1969) e um “Epílogo”. Os intervalos temporais entre os parênteses de cada seção do livro compreendem exatamente as datas de produção dos poemas que as compõem, e não só o título de cada seção indica também o espaço geográfico em que cada bloco de poemas foi composto; são, portanto, índices espaço-temporais a apontar para as circunstâncias específicas de exílio que enformam e contribuem para a coerência interna dessa **Peregrinatio ad loca infecta**.

Para além da questão titular de cada seção da obra, como dito acima, Jorge de Sena utiliza um recurso que chama a atenção para as relações dialogantes que mantém com outros poetas, dispostas sistematicamente nas diversas epígrafes que povoam a sua obra. O poeta usa o recurso da epígrafe como modo de apresentação justa e de plena concordância com os temas gerais de cada bloco de poema. No transcurso de sua obra, as epígrafes têm grande significado, porque, além de dialogarem com a sua poesia, fornecem rastros de leitura do poeta. Assim é que, na seção “Portugal”, o que prevalece é o rastro camoniano de **Os Lusíadas**: “Eis, quase cume da cabeça/de Europa toda, o Reino Lusitano (CAMÕES, canto III, 20).”

Essa epígrafe é farta de sentidos quando se entende que ela cumpre uma função dialogante com os poemas que compõem a seção. Camões foi uma grande obsessão seniana, quer em sua obra poética — os motes de poemas camonianos dos quais se apropria em versos seus, de maneira, por vezes, a dar-lhes um sentido outro, encorpado ao poema seniano — ou em seus escritos teóricos e ensaísticos, nos quais o poeta empreende importantes análises da obra do herói luso. Ali, na epígrafe, há um indício da importância do reino lusitano para a Europa, um sentimento de

---

4 O poema foi publicado em **Arte de Música** (1968). In: SENNA, 2013, p. 385-7.

grandeza já envolto a certa melancolia ou estado de saudade portuguesa que não é jamais superado; antes, acentua-se e firma-se como particularidade da identidade portuguesa. O corpo de poemas dialoga com essa ideia e põe em evidência o já não tão mesmo Portugal camoniano.

No corpo de poemas, questiona-se o lugar de Portugal naquele século XX que é o de Fernando Pessoa e, também, o de Jorge de **Arte de Música**, duas figuras de personalidade e visão poética tão diferentes. Aqui, nesta seção, a terra portuguesa, em sua dimensão completa, começará a aparecer, e o próprio país natal já é visto de uma maneira distanciada, ainda que o sujeito esteja vivendo em Portugal. A paisagem portuguesa habita o ser do sujeito, ainda que ele mesmo se encontre em estado de estrangeiramento, e isso aparece de modo curioso em sua poesia. Logo em seguida, o poeta faz valer os versos de Horácio, quando traz à abertura da seção “Brasil” a seguinte estrofe:

Quid brevi fortes jaculamur aevo  
Multa? Quid terras alio calentes  
Sole mutamus? Patriae quis exul  
Se quoque fugit?  
(Porque, se a vida é breve, tantas cousas  
buscamos? Para que terras alheias  
por outros sóis candentes? Quem da Pátria  
sai a si mesmo escapa?)  
(HORÁCIO, Odes, II, 16). (SENA, 2013, p. 467)

A epígrafe serve às meditações que o poeta empreende em torno do tema do pertencimento à pátria. Os versos finais “Quem da Pátria/sai a si mesmo escapa?” são, de certo modo, uma interrogação que persegue Jorge de Sena ao longo de toda a sua obra, na medida em que, para o poeta, as dimensões que uma específica experiência do exílio empreendem em sua alma de sujeito parecem ser muito maiores do que normalmente seriam: ocorre, no caso do português, uma espécie de exílio adentrado, ou mesmo o sentimento que tem o poeta em relação à pátria “de que por acaso de gerações nasci”, como alerta em versos do clássico “Em Creta, com o Minotauro”. É possível ser-se português mesmo em espaços que não Portugal?

No bloco de poemas que compõem a seção “Estados Unidos da América”, o poeta utiliza-se de versos de Yeats, a inaugurarem poeticamente a ocorrência biográfica de um segundo exílio (ou mesmo terceiro, e derradeiro) pelo qual Jorge de Sena haveria de passar, quando da instauração de um duro regime militar no

Brasil, espaço onde viveu, adquiriu cidadania, filhos e construiu versos, para além de linhas narrativas e políticas — dada sua participação no jornal oposicionista **Portugal Democrático** — linhas de força que se misturam fundamentalmente ao longo de sua obra, em suas múltiplas facetas. País onde, aliás, iniciou sua carreira docente como professor de Literatura Portuguesa em São Paulo. Aos versos, aliás, atente-se:

You think it horrible that lust and rage  
Should dance attention upon my old age;  
They were not such a plague when I was Young;  
What else have I to spur me into song?  
(Acham horrível que este cio e raiva  
sejam que atento dança o meu envelhecer;  
não eram uma tal praga em minha juventude.  
Que mais eu tenho que a cantar me pique?)  
(YEATS - *The Spur*). (SENA, 2013, p. 525).

Esses versos sinalizam, também, para a forte relação de Jorge de Sena e de seus amigos do **Cadernos de Poesia** com a tradição literária (poética sobretudo) de língua inglesa. E não só: são versos que apontam, talvez numa aproximação forçada, para a mesma postura em relação à tradição inglesa que tem Fernando Pessoa, que foge da tradição lusa de influência francesa. Sobre essas questões, Martinho (1982) apontou um verso do romântico inglês John Clare tornado glosa num poema de Sena. Fernando Martinho em texto intitulado “Leituras na poesia de Jorge de Sena”, que data de 1982, publicado na **Revista Colóquio/Letras**, afirma, em torno da relação mantida pelo poeta com o universo poético anglo-saxão:

A familiaridade com a vida e a obra do poeta romântico inglês John Clare (1793-1864) suscita a Sena — que, com os seus companheiros de *Cadernos de Poesia*, muito fizera para abrir as nossas letras ao mundo anglo-saxônico, e, assim, desviá-las da sujeição aos eternos modelos franceses. (MARTINHO, 1982, p. 17).

Já na seção “Notas de um regresso à Europa”, os versos que abrem o bloco de poemas são de natureza clássica (Safo) e simbolista (Mallarmé). As duas recorrências remetem, em evidência clara, aos temas gerais de que trata a obra poética em análise: a perspectiva da viagem, ou melhor, entendida como peregrinação, e a experiência de retorno aos lugares pátrios, ou àqueles cuja

“camisa” (nacionalidade) o poeta vestiu e deitou fora, “com todo o respeito”, à roupa vestida. De Mallarmé, põe-se a questão da viagem, seguida por Safo em seu entendimento de um inevitável retorno daqueles que partem, a partir de específicas metáforas. O retorno é do que trata mesmo a matéria dessa seção em específico, retorno a Portugal, retorno a outros países europeus, ainda que por curto período de tempo e jamais um retorno definitivo:

Au seul de voyager...  
(MALLARMÉ - **Poésies**)  
Ao lar, Vésper, tu fazes que regressem todos  
Que a radiante Aurora aos longes conduziu:  
Ovelhas ao redil, as cabras aos apriscos,  
E os filhos para ao pé de sua mãe.  
(SAFO). (SENA, 2013, p. 547).

## 2 Jorge de Sena e o Minotauro: ao desterro, sempre

O estudo da relação entre poesia e paisagem e o seu diálogo com a experiência do desterro, na **Peregrinatio ad loca infecta**, tem como ponto de partida o rastro grafado de um “dedo sujo”, surgido a meio percurso da trajetória poética de Jorge de Sena e no espaço intermédio de seu diário infecto. Essa imagem suja, que aparece no poema “Em Creta, com o Minotauro”, de 1965, ao mesmo tempo é síntese de toda uma visão de mundo própria ao testemunho poético e abertura de pistas seguras e interessantes sobre o estado de fratura incurável no qual esteve o poeta por toda a sua vida.

Há no poema narrativo um movimento de impulso ao sentimento de irmandade entre o sujeito poético e a figura mítica do Minotauro, muito menos grego, na percepção do poeta. Ambos haveriam de partilhar a mesma experiência pela via da trágica coincidência de serem sujeitos em permanente estado de desterro: o poeta, estrangeirado em seu Portugal de nascença; o Minotauro, isolado de tudo e de todos, em seu labirinto. Restará Creta como destino último de uma peregrinação infecta, e de lá o poeta observará o mundo e a vida, enquanto mexe o seu café transnacional.

Percebe-se aí que o desterro foi tema de grande apreciação para Jorge de Sena, sobretudo quando se leva em consideração que essa experiência de fratura marca toda a sua vida e, por extensão, a sua obra poética, de que a sua **Peregrinatio** é importante modelo. É nela que se dá o aparecimento do “dedo sujo”, tão

fundamental imagem naquilo que ela carrega de rastro e abertura: a sujeira tornada objeto poético e estético é, no testemunho seniano, produto do ato investigativo em face das origens da vida. Nisso, o próprio café torna-se sujo, numa transferência através dos dedos já marcados de sujeira.

Neste artigo, seria importante entender o conceito de desterro como “fratura incurável”, cuja origem radica nos escritos em torno dessa temática proposta por Edward Said, no livro **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**, na edição brasileira de 2003. O crítico já falecido, ali, afirma perigosamente que parte da cultura moderna do Ocidente seria produto das experiências de sujeitos exilados, emigrantes e refugiados. Tais categorias de fratura entre sujeito e terra podem ser semanticamente aproximadas, mas não equivalem entre si, pelo fato de que implicam um nível de modulação do distanciamento, forçado ou não, do sujeito de um espaço geográfico delimitado.

Jorge de Sena, em seu desterro triplo, pode ser situado nesse quadro sentimental de fraturas que marcaram o século XX. O crítico português Luís Adriano Carlos, acerca dos possíveis efeitos da experiência do exílio na obra do poeta, utilizou a seguinte gradação entre emigração e exílio, no que afirmou: “Poucos poetas produziram como Jorge de Sena uma imagem tão viva e profunda dessa aventura grandiosa que é a Emigração — ou, na sua vertente mais amargurada, o Exílio.” (CARLOS, 1983<sup>5</sup> apud FAGUNDES, 2001, p. 51). Houve, na vida do poeta, a urgência de sair de Portugal e, pela via da amargura, a sua jornada torna-se exílio, desterro, que marca a sua obra.

O desterro pode ser entendido como fratura incurável que decorre do afastamento forçado do sujeito de sua terra natal. Seria difícil mensurar o quanto da produção moderna é, de fato, produção de seres em estado descontínuo, mas o século XX parece fornecer interessantes pistas para pensar nas relações estabelecidas entre a experiência do desterro e a nacionalidade, ou o enraizamento. Se é difícil mensurar esses dados, é mais ou menos pacífico a existência de uma produção literária intensa do que se convencionou chamar “Literatura de exílio”, modo de escrita de seres em estado de deslocamento geográfico de suas terras, como o é a própria poesia de testemunho do português Jorge de Sena.

Sobre os produtos positivos e negativos gerados pela experiência do desterro, Edward Said assim reflete: “[...] embora seja verdade que a literatura e a história

---

5 CARLOS, Luis F.A. A Escrita da Emigração e a Emigração da Escrita na Poesia de Jorge de Sena. *Nova Renascença*, n. 11, Verão de 1983.

contêm episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação.” (SAID, 2003, p. 46). Portanto, essa experiência não pode ser vista senão por isto que é, de fato: fratura, e assim deve ser compreendida, ainda que possa produzir “positividades” em forma de obras admiráveis — a poesia circunstancial de Jorge de Sena. O crítico conclui: “As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre.” (SAID, 2003, p. 46). Em Jorge de Sena, há algo que fica para trás, é verdade, mas parece ocorrer também aquilo que Francisco Cota Fagundes assinala, em ensaio de 2001, como a ocorrência do desterro, na vida do poeta, em função da obra poética, como se ela em si obrigasse o poeta ao desterro:

Contudo, Adriano Carlos, com base em afirmações feitas por Octavio Paz em *Las Peras del Olmo* e na presença dos temas em questão, até mesmo na poesia seniana anterior à partida do escritor para o Brasil, afirma o seguinte: “arrisco-me a propugnar que o exílio de Sena decorreu em grande parte de uma exigência da sua obra” (p. 254).” (FAGUNDES, 2001, p. 52).

Dessa forma, a poesia de Jorge de Sena, marcada pela experiência do exílio, sobretudo o poema em análise, carrega uma “geograficidade”, do modo como Eric Dardel a entendeu, “[...] amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma “geograficidade” (*géographicité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino.” (DARDEL, 2011, p. 2), que parece ser a marca do seu “dedo sujo”. A Terra torna-se o meio pelo qual a realidade geográfica — vivências, experiências e percepções de mundo do sujeito — é materialmente possível. Há algo de forte teor telúrico no pensamento dardeliano, se se pensa que a Terra surge como espaço primeiro e original da vida humana; antes de qualquer relação que se tenha no espaço, a Terra.

Essa “geograficidade” pode ser sentida na poesia de Jorge de Sena de modos diversos, mas sempre como resultado original de uma “peregrinação infecta” que, ao fim e ao cabo, foi toda a sua vida. A “geograficidade” leva o sujeito poético de “Em Creta, com o Minotauro” a chamar de “sujo” o dedo (dele) com que largamente investigou as origens da vida. Não por acaso, a postura investigativa é também um ato de perceber e de experienciar o mundo, porque pressupõe um modo pelo qual o poeta se relaciona com o que está à sua volta, e um modo peculiar



com o qual ele transforma, ou metamorfoseia, essa experimentação de mundo em matéria poética, culminando em seu testemunho poético.

O poema narrativo, aqui analisado, foi caracterizado por Francisco Cota Fagundes (2001) como “poema-rio” “[...] de que numerosos textos de ficção e poesia senianos seriam como que afluentes” (FAGUNDES, 2001, p. 58). Seria um poema de uma dimensão dúplice: catalisadora, porque nele convergem temas fundamentais e perenes da obra seniana; e difusora, porque se conecta e promove poemas outros que parecem ser extensão sua. Ou, mesmo, é poema fundamental na poética do testemunho por tornar escrito, portanto, metamorfoseado em testemunho, aquilo que aparece desde cedo nos escritos senianos, mas que não tem nome, aquela específica sujeira de “investigar as origens da vida”.

Do “poema-rio” à obra seniana, o crítico português Jorge Fazenda Lourenço (2010) aponta na poesia o seu caráter redivivo e referencial de poder retomar sempre um outro poema seu ou de outro poeta, criando uma teia poética feita de diálogo. Ora, ambos, Fagundes e Lourenço, chamam a atenção para aquilo que há de fundamental no testemunho seniano: o seu caráter dialogante, a revelar a dimensão da experiência humana, tornada ela mesma uma eterna e profícua peregrinação, ou a passagem do *voyeur* ao *voyant*, como analisa Lourenço (2010), materializada na imagem telúrica do “dedo sujo”. Mesmo porque, apesar de sua inscrição grafada ser de 1965, a sujeira poética se faz indício e mesmo rastro fulcral desde o início da obra do poeta, sendo por isso o elemento de diálogo entre os poemas que aqui serão analisados.

O “dedo sujo” de Jorge de Sena engendra um movimento de abertura que tem caráter dúplice na medida em que estabelece uma conexão com o Portugal histórico de Camões, a partir da citação dos versos do clássico português, mas não só, e com um futuro que pode ser o Portugal “inefável”, adjetivo que Sena usa de modo extremamente irônico a sinalizar não para sua apreensão figurada, mas para o estado de impossibilidade de expressão do discurso poético livre das amarras de censura impostas pelo regime salazarista. Uma inefabilidade sentida já no período de 1950, ano em que escreve o poema “Os paraísos artificiais”;<sup>6</sup> e, se assim o é, melhor que seja um futuro em Creta, junto do Minotauro, lugar onde a inefabilidade do dizer tudo aquilo que deve ser dito em relação ao que ocorre em torno do poeta não é condição de vida.

---

6 Este poema foi publicado em **Pedra filosofal** (1950). In: SENA, 2013, p. 147.

Desse Portugal que aparece no narrativo autobiográfico como espaço de pertencimento pátrio do poeta, ainda que posto em questão pela via da identidade apresentada como “[...] camisas [que] se despem./se usam e se deitam fora, como todo o respeito/necessário à roupa que se veste e que prestou serviço [...]”, há uma outra descrição, temporalmente anterior, mas que resguarda questões similares. Ela encontra-se em “Os paraísos artificiais”, cuja aparição se dá na abertura da seção intitulada “I - Circunstância”, do livro **Pedra filosofal** (SENA, 1950).<sup>7</sup> Aqui Portugal aparecerá como terra precedida do possessivo (minha), portanto, como pertencimento umbilical que permitirá ao poeta apontar mesmo aquilo que há, mas sobretudo aquilo que não há em sua terra.

De fato, o poema é antecedido por uma epígrafe goethiana a indicar o caráter fundamental da poesia de Jorge de Sena: a concepção de ser a poesia essencialmente circunstancial, ou como ilumina um de seus prefácios confessionais, em que o poeta se explica e teoriza, simultaneamente, em seu antiprefácio, na coletânea **Poesia-III**, quando escreve que “Toda a poesia é circunstancial; e a específica circunstancialidade dela será precisamente o que contribui para a particular unidade desta **Peregrinatio**: [...]” (1969) (SENA, 2013, p. 452). E, acrescentaria, de toda a sua obra poética, na medida em que as epígrafes não devem ser menosprezadas na leitura da poesia seniana, como já apontou Lourenço (2010).

A evocar o caráter idílico inerente a um certo discurso proferido em relação à terra de nascença, o poema põe em questão, já de início, duas possibilidades de entendimento desta terra: de princípio, o sujeito lírico nos fala de sua terra portuguesa, precedida pelo indicador espacial (na) e o possessivo (minha). “Na minha terra”, entendida como Portugal, é o solo pátrio de que se fala; logo em seguida, o sujeito constata dois fatos, um decorrente do outro: “[...] não há terra, há ruas”. Da primeira terra, que surge como evocação do espaço pátrio, logo, como estabelecimento da localização geográfica de onde emana a “geograficidade” do poema, aparece uma outra concepção de “terra”, entendida como chão, firmeza do solo, que simplesmente não há, num Portugal cada vez mais penetrado pelo asfaltamento de suas ruas e verticalização de sua paisagem.

Esse sujeito lírico, constituído numa espécie de biografema, está a falar de seu Portugal natal, e nisso aproxima-se do canto de Gonçalves Dias, e só. Porque o cântico seniano é de outra ordem, na medida em que é feito e fecundado pela percepção de uma ausência quase agônica. O Portugal que canta é aquele marcado

---

<sup>7</sup> Este livro consta de **Poesia I** (2013).

pela ausência de tudo aquilo que um dia houve, e hoje já não há. É, portanto, um cântico sem música: como o vaso da China, cuja queda interrompe o instante de audição da peça de Debussy, parece ser esse poema surgido do mesmo instante em que se percebe que, do vaso, saem papéis velhos e sujeira. Talvez aí resida a potência testemunhal desse poema, pela sua constituição feita de exaltação ao avesso, que expande os sentidos do dizer, revelando, pelo anticântico, um Portugal que toda a gente se empenha em ignorar, como já apontava na sua carta-poema<sup>8</sup>.

Jorge de Sena formula a sua poética do testemunho não como teoria apriorística ou como coisa intelectualmente pensada desde o início de sua atividade poética. O primeiro registro de teorização dessa poética ocorre de modo condensado no prefácio da primeira edição da coletânea **Poesia-I** (1961). Isso significa que o testemunho poético seniano é, antes mesmo de ser um guia de construção de poemas, uma prática poética<sup>9</sup> que acompanha o poeta desde o início de sua vida literária. Testemunhar em poesia implica viver e experienciar o mundo posto com aquela mesma intensidade e vigilância atenta com que vive o Minotauro, na ilha de Creta, e com as quais o poeta, ou melhor, o sujeito lírico que ali e ao longo de toda a poesia seniana muito se aproxima do sujeito empírico, tanto se identifica, a ponto de espelhar a sua vida com a dele.

A decisão de optar pela criação de um sujeito poético que escreve versos que parecem muito mais dizer, ou mesmo narrar, da vida do próprio português, engenheiro e pai de filhos brasileiros, “quando lá estiver”, é a demonstração da consciência que Jorge de Sena tem de recusar o princípio central da poética de seu precursor, Fernando Pessoa, ou suplantá-lo alguma coisa que falta ao fingimento pessoano, como aponta Fátima Freitas Morna: “Toda a poética de Jorge de Sena se submeteria assim a uma *teoria do testemunho* como forma alternativa e dialecticamente complementar do ‘fingimento poético’”. (MORNA, 1985, p. 24). Para o poeta, a poesia deve ter um papel ético, por isso transformador, o que não comporta o uso de máscaras tais quais aquelas usadas no fingimento pessoano. A diferença reside no fato de que, no poema seniano, o sujeito lírico não

---

8 Cf. “Carta aos meus filhos sobre os fuzilamentos de Goya”, poema de 1959, publicado no livro **Metamorfoses** (1963), e que consta na coletânea **Poesia I**, p. 347-351.

9 “[...] a formulação do testemunho poético não é uma construção apriorística, no sentido de uma teoria que comande a prática poética, como no caso, por exemplo, do neo-realismo, condicionado, a partida, por uma ideologia política e partidária. [...] A teoria do testemunho surge, assim, como a validação de uma prática poética em progresso; ou melhor, como uma práxis que naquele Prefácio de 1960 se organiza enquanto dádiva de uma consciência criadora, que, no acto de aferir-se, se revela.” (LOURENÇO, 2010, p. 105).

é o Minotauro, e nem deseja sê-lo, porque suas vidas estão espelhadas; fosse um poema pessoano, o sujeito seria ele mesmo a figura mítica em si.

Poema encontrado em sua **Peregrinatio ad loca infecta** (1969), que figura como diário poético da circunstancialidade maior que se abateu na vida de Jorge de Sena a partir de 1959: o desterro. É nessa data que o poeta, a convite de brasileiros, vem proferir uma conferência no 4º Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, na Universidade da Bahia (Adolfo Casais Monteiro e Eduardo Lourenço, amigos de Sena, também participaram do colóquio), e no Brasil já fica a viver o que seria o seu primeiro exílio — ou segundo, caso se considere que a situação de medo e restrição na qual vivia a sociedade portuguesa sob o jugo da ditadura salazarista impele o poeta, que fora sempre um crítico ferrenho do regime ditatorial, a um certo autodesterro em solo pátrio. Tal hipótese do autodesterro como afastamento primeiro de sua pátria encontra suporte na própria constituição de **Peregrinatio**, que recolhe poemas desde 1950, ano em que o poeta ainda vivia em Portugal.

A paisagem aqui poderá ser entendida naquela mesma apreensão de Eric Dardel: “[...] a paisagem não é, em sua essência, feita para se olhar, mas a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser com os outros, base de seu ser social.” (DARDEL, 2011, p. 32), que parece dialogar com a de Michel Collot (2010), posterior, no sentido de porção de terra capturada em fragmentos por um olhar ativo e operante. Nessa perspectiva, em “Em Creta, com o Minotauro”, a paisagem apresenta-se ao sujeito como imagem selecionada por um ponto de vista peculiar e específico, marcado por sua postura de testemunha, o que evidencia a participação ativa do sujeito na aparição da paisagem que surge como extensão inalcançável em seu todo, por isso o sujeito tem apenas a visão de sua parte. Portugal, Brasil, Estados Unidos e Creta assim surgem no poema em análise.

O poema-rio, estruturalmente construído em cinco partes, narra uma trajetória simultaneamente específica, porque vinculada à circunstancialidade dos destertos do poeta, e universal, porque o sujeito lírico transcende o sujeito biográfico, sem, de modo algum, implodir a ponte que os une. O percurso narrado no poema ocorre através da peregrinação do poeta pelos espaços nos quais viveu entre 1959 e 1978: 1. Portugal, exílio adentrado - “estrangeiramento”; 2. Brasil (segundo exílio), onde o poeta viveu entre os anos de 1959-1965, iniciou sua carreira acadêmica e foi “[...] pai de brasileiros no Brasil”; 3. Estados Unidos da América (terceiro exílio), lembrando que esse poema é de 1965, último ano do poeta em solo brasileiro.

E um último espaço (poético): 4. Creta, lugar possível onde o poeta junta-se ao Minotauro, para com ele tomar café e observar atento a vida.

I

Nascido em Portugal, de pais portugueses,  
e pai de brasileiros no Brasil,  
serei talvez norte-americano quando lá estiver.  
Colecionarei nacionalidades como camisas se despem,  
se usam e se deitam fora, com todo o respeito  
necessário à roupa que se veste e que prestou serviço.  
Eu sou eu mesmo a minha pátria. A pátria  
de que escrevo é a língua em que por acaso de gerações  
nasci. E a do que faço e de que vivo é esta  
raiva que tenho de pouca humanidade neste mundo  
quando não acredito em outro, e só outro quereria que  
este mesmo fosse. Mas, se um dia me esquecer de tudo,  
espero envelhecer tomando café em Creta  
com o Minotauro,  
sob o olhar de deuses sem vergonha  
(SENA, 2013, p. 516).

O engenheiro Sena, na voz de seu sujeito lírico, ou talvez o oposto, põe em suspenso a percepção natural com que se enxerga o fenômeno de pertencimento a uma pátria. Seguindo a ideia do poema, nascer em um espaço determinado ao qual se convencionou chamar “pátria” é um mero acaso, e de fato o é. O sentimento de pertença a uma pátria é um dado construído, não inato, por isso o poeta questiona tanto e entende com muita desconfiança o fenômeno da nacionalidade e o conseqüente enraizamento. Não por acaso, as primeiras estrofes do poema evocam uma questão própria em Jorge de Sena que é a da identidade relacionada a um espaço geográfico específico (Portugal, Brasil ou Estados Unidos) para desembocar numa sugestão de pátria que se inscreve no espaço da escrita poética; da língua, portanto.

Feito isso, o sujeito parece desvincular-se de qualquer tipo de pátria específica, espaço social, cultural e, sobretudo, geograficamente delimitado, para afirmar, talvez numa alusão a Bernardo Soares, cuja pátria é a língua portuguesa, que ele mesmo é a sua própria pátria; o sujeito torna-se lugar de si mesmo, bem como torna a escrita e a língua com que escreve, a portuguesa, outro lugar possível de realização do si-mesmo. Entre esses dois lugares de afetividades positivas e negativas, o “eu” do poema e a língua, há um pacto ético de fidelidade que se cumpre por meio do testemunho sincero daquilo tudo de “Quem muito viu, sofreu,

passou trabalhos,/mágoas, humilhações, tristes surpresas; [...]e andou terras e gentes, conheceu os mundos e submundos; [...]” (SENA, 2013, p. 485-486), que é a poesia do poeta desterrado, que “[...] será sempre sem pátria. [...]” (SENA, 2013, p. 485-486).

É importante prestar atenção aos versos 4-6 da primeira parte do poema: “Colecionarei nacionalidades como camisas se despem,/se usam e se deitam fora, com todo o respeito/necessário à roupa que se veste e que prestou serviço”, pois são versos que expõem a desconfiança do sujeito frente ao fenômeno da nacionalidade, mesmo porque ele tem muita consciência de sua relação intrínseca com as experiências de fratura. De todo modo, o próprio exílio de Jorge de Sena deveu-se a uma questão de nacionalidade, posto que o poeta-engenheiro foi opositor da ditadura salazarista e, em 1959, passa a ser difícil viver de acordo com os princípios éticos que o guiavam sempre no Portugal liberto somente no 25 de abril de 1975, para o qual não fora o poeta chamado. Ainda sobre a relação nacionalismo-exílio, Edward Said é esclarecedor:

Chegamos ao nacionalismo e sua associação essencial ao exílio. O nacionalismo é uma declaração de pertencer a um lugar, a um povo, a uma herança cultural. Ele afirma uma pátria criada por uma comunidade de língua, cultura e de costumes e, ao fazê-lo, rechaça o exílio, luta para evitar seus estragos. Com efeito, a interação entre nacionalismo e exílio é como a dialética hegeliana do senhor e do escravo, opostos que informam e constituem um ao outro. Em seus primeiros estágios, todos os nacionalismos se desenvolvem a partir de uma situação de separação. (SAID, 2003, p. 49).

O fim da primeira estrofe do poema apresenta já a figura do Minotauro como elemento mítico que deverá ser ombreado, ou melhor, espelhado, com a figura do poeta Jorge de Sena e de seu sujeito lírico. Daí que, se, na primeira estrofe do poema, leem-se versos que dão conta de uma biografia do sujeito poético aproximada da de seu sujeito biográfico, a estrofe segunda é toda tomada pela escritura da biografia do Minotauro, essa figura mítica “[...] metade boi e metade homem, como todos os homens.” O poeta humaniza o homem-animal mito, de modo que quase chegamos a ouvir sua voz a ecoar por entre os contornos do labirinto no qual fora posto, como ocorre na recriação mítica escrita pelo argentino Jorge Luís Borges, no conto “A casa de Astérion”;<sup>10</sup> e dá sentido à sua

<sup>10</sup> O conto no qual ocorre a humanização da figura mítica do Minotauro, “A casa de Astérion”, pode ser encontrado no livro clássico de Jorge Luis Borges **O Aleph**, em publicação de 2008, pela Companhia das Letras, e tradução de Davi Arrigucci Jr.

(do Minotauro) experiência própria que, assim como a do poeta, é a experiência de fratura e desterro.

## II

O Minotauro compreender-me-á.  
Tem cornos, como os sábios e os inimigos da vida.  
É metade boi e metade homem, como todos os homens.  
Violava e devorava virgens, como todas as bestas.  
Filho de Pasifaë, foi irmão de um verso de Racine,  
que Valéry, o cretino, achava um dos mais belos da “languê”.  
Irmão também de Ariadne, embrulharam-no num novelo de que  
[se lixou.  
Teseu, o herói, e, como todos os gregos heroicos, um filho  
[da puta,  
riu-lhe no focinho respeitável.  
O Minotauro compreender-me-á, tomará café comigo, enquanto  
o sol serenamente desce sobre o mar, e as sombras,  
cheias de ninfas e de efecos desempregados,  
se cerrarão dulcíssimas nas chávenas,  
como o açúcar que mexeremos com o dedo sujo  
de investigar as origens da vida  
(SENA, 2013, p. 516).

O Minotauro compreenderá o poeta porque ambos partilham de experiências similares que fortalecem o espelhamento proposto ao longo do poema, ainda que seja, nas palavras de Luciana Salles (2008), um “espelhamento enigmático e distorcido”, muito diferente, aliás, do que ocorre na poesia de seu precursor, Fernando Pessoa, e na do movimento romântico. Se, no “drama em gente”, as sensações do mundo são experimentadas por pessoas outras, radicalmente diferentes do sujeito empírico, posto também como “pessoa” outra, aqui, e em toda a poesia de Jorge de Sena, o sujeito lírico apresenta-se irmanado com o sujeito empírico, porque compartilham as mesmas dores e vivências. De fato, um espelhamento, que aqui figura distorcido, mas, noutros poemas, muito nítido.

É curioso pensar, como orienta a leitura, que, dos espaços de exílio que flutuam na construção do poema, uma infinidade de lugares que formam uma cartografia do desterro, que vai de Portugal até o Brasil, segue para os Estados Unidos, retorna à Europa brevemente e desemboca em Creta e no universo grego, apenas a figura do poeta e a do Minotauro são as que sobram apesar de tudo e de todos. Os deuses? Hão de observá-los placidamente, como se estivessem apenas a contemplar a paisagem que se abre sob seus olhos. Teseu, o herói grego? “Um filho da puta”,

assim como os demais heróis gregos. As ninfas e os efebos? Desempregados. Restarão, então, essas duas figuras fraturadas, nessa paisagem em desespero, a tomar café, adoçado pelo “dedo sujo” do poeta, em suas chávemas que contêm pura investigação das origens da vida.

Dessa existência fraturada que se dá num espelhamento entre o poeta e o Minotauro — e, portanto, já se pode aqui aventar a hipótese de um espelhamento triplo, posto que, na tessitura de seu testemunho, o sujeito biográfico é espelhado no sujeito lírico, e é essa figura dupla/tripla que se re/espelha com a figura mítica —, desse processo estético-formal, por isso mesmo, ético, deriva a flutuação temporal do poema, que se dá na evocação do passado, do presente e a projeção de um futuro possível. Jorge de Sena expressa um desejo claro no verso primeiro da terceira estrofe: “[...] reencontrar-me de ter deixado/a vida pelo mundo em pedaços repartida, [...]”, desejo que só pode ser realizado num espaço de exílio, em Creta. Aliás, esses são versos que remontam à poesia de Camões, também português e também exilado, “[...] aquele pobre diabo que o Minotauro não leu, porque/como toda a gente, não sabe português.”

### III

É aí que eu quero reencontrar-me de ter deixado  
a vida pelo mundo em pedaços repartida, como dizia  
aquele pobre diabo que o Minotauro não leu, porque,  
como toda a gente, não sabe português.  
Também eu não sei grego, segundo as mais seguras informações  
Conversaremos em volapuque, já  
que nenhum de nós o sabe. O Minotauro  
não falava grego, não era grego, viveu antes da Grécia,  
de toda esta merda douta que nos cobre há séculos,  
cagada pelos nossos escravos, ou por nós quando somos  
os escravos de outros. Ao café,  
diremos um ao outro as nossas mágoas.  
(SENA, 2013, p. 517).

Tal qual o Minotauro, que não sabe português e, por isso, não leu a tradição literária portuguesa, representada na figura do poeta Camões, o sujeito lírico admite ironicamente não saber grego, motivo pelo qual não haveria comunicação possível entre essas duas figuras espelhadas que não pelo intermédio de uma terceira linguagem que se torna comum aos dois, o volapuque: “[...] Conversaremos em volapuque, já/que nenhum de nós o sabe. [...]”, demandando aprendizado mútuo e simultâneo. Luciana Salles (2008) aventa, sobre esse verso, a hipótese de que



o estabelecimento de uma língua nova, mediadora da comunicação entre ambos, implica um esforço de abandono da língua portuguesa, no caso do poeta, e, portanto, de toda a carga cultural, de toda a tradição que ela carrega:

Depois de haver declarado já na primeira estrofe do poema: “Eu sou eu mesmo a minha pátria. A pátria/de que escrevo é a língua em que por acaso de gerações/nasci.”, o poeta decide abrir mão dessa língua recebida “por acaso”, em nome de uma nova língua que, por não pertencer a ninguém, pode permitir uma comunicação absolutamente nova, livre da carga “de toda esta merda douta que nos cobre há séculos,/cagada pelos nossos escravos, ou por nós quando somos/os escravos de outros.” Em volapuque, idioma perfeito porque perfeitamente ignorado, toda a liberdade é possível, sem heranças e sem restrições preestabelecidas, sem conceitos ou signos arbitrários — a língua ideal, portanto, para alguém que deseja uma “vida reclusa em poesia”. (SALLES, 2008, p. 339).

Ora, o poeta se coloca no início do poema como respeitável colecionador de nacionalidades, o que parece garantir a sustentação da hipótese de que, mesmo adotando o volapuque como nova língua e toda carga cultural que esse novo idioma venha a ter futuramente, à medida que o poeta e o Minotauro interajam, o português torna-se memória que preserva a vida que nele se escreveu, daí o “respeito” pela camisa (nacionalidade) que se despe. Nesse sentido, ainda que a língua antiga do poeta seja coberta dessa “[...] merda douta que nos cobre há séculos,/cagada pelos nossos escravos, ou por nós quando somos/os escravos de outros.”, dispensá-la seria dispensar a carga de experiências que a circunda, bem como sua importância para a construção de sua própria poética; seria de pronto rejeitar sua condição própria de “coleccionador de nacionalidades”.

Jorge de Sena congrega em seu projeto poético um grande arranjo de tradição e modernidade. Daquela, o português sem dúvida foi grande leitor, não tendo sido por acaso que Camões foi um dos poetas que ocupou muito de sua atenção, quer do ponto de vista acadêmico — Sena defendeu sua tese de doutoramento em Luiz Vaz de Camões e escreveu vários ensaios sobre este autor — quer do ponto de vista da própria tessitura de sua poesia — sendo o longo poema “Camões dirige-se a seus contemporâneos” um exemplo de diálogo intertextual no nível da biografia do poeta clássico, e mesmo “Em Creta, com o Minotauro”, que evoca a tradição camoniana em versos quase que literalmente transcritos.

### 3 Conclusão

#### V

Em Creta, com o Minotauro,  
sem versos e sem vida,  
sem pátrias e sem espírito,  
sem nada, nem ninguém,  
que não o dedo sujo,  
hei-de tomar em paz o meu café.  
(SENA, 2013, p. 518)

Da tradição, Jorge de Sena aprendeu a ideia própria de lírica e a constituição do sujeito poético: aquele que é um outro que não o próprio sujeito empírico, eis talvez a mais básica lição da constituição da lírica. Ocorre que, aliada a esse ensinamento, o poeta pensa na necessidade de esse mesmo sujeito lírico ser um sujeito preocupado e atento ao seu tempo, à circunstancialidade que o enforma. Para isso, o poeta atualiza a função poética do sujeito poético, na medida em que passará a se servir fartamente das experiências fornecidas pela peregrinação infecta que empreende o sujeito empírico, tornando próximas as relações entre a voz que fala no poema e o sujeito biográfico.

No jogo aproximativo entre essas duas esferas da experiência poética, quase no nível da fusão deste naquele por completo, surge uma poesia de qualidade formal e sensível ao mundo com o qual ela mantém íntima relação de dependência. Uma poesia, portanto, profundamente ética e sensível às circunstâncias que envolvem a sua produção, porque, mesmo que “Em Creta, com o Minotauro,/sem versos e sem vida,/ sem pátrias e sem espírito,/sem nada, nem ninguém,/que não o dedo sujo,/ hei-de tomar em paz o meu café”, ou seja, em um espaço outro e distanciado, Sena e o Minotauro tomarão o seu café.

O poema-rio, já ficou dito, figura como marca escrita e inscrita numa “sujidão/sujeira” na seção “Brasil” de sua **Peregrinatio**, não menos infecta. A bem da verdade, numa posição bastante central que enfatiza seu caráter de síntese arrebatadora do que o poeta teria vivido até o momento da escritura do poema: duplo exílio, dupla circunstância, a de exílio em solo pátrio, a de exílio em solo brasileiro. E, também, o seu caráter algo como visionário, a sinalizar para as demais vicissitudes por quais o poeta haveria de passar, posto não ser aleatório o estabelecimento da hipótese inscrita no terceiro verso da primeira parte do poema, “[...] serei talvez norte-americano quando lá estiver” (SENA, 2013, p. 516), já renunciando o seu, já certo, terceiro exílio, em solo norte-americano.

Poderia parecer se tratar de um poema que ensaia uma atitude escapista do poeta frente ao mundo, na medida em que elege Creta como destino último e possível de uma jornada que o acompanhou por toda a sua vida. Jorge de Sena, de fato, nunca regressaria a Portugal em caráter definitivo, tendo falecido de câncer em 1978, nos Estados Unidos. Entretanto, o poema pode ser lido na chave oposta, uma vez que, estar em Creta, junto do Minotauro, parece estar de acordo com a sua postura expectante em relação à vida e ao mundo e, portanto, combativa.

Apesar de tudo e de todos, da amargura profunda que penetra os seus versos diante de um mundo caótico, Jorge de Sena não perde seu olhar atento, sobretudo porque sua poesia, ainda que numa via de esperança desesperançada, persegue a metamorfose, o fim último. O dedo sujo, rastro poético que sobra, ao fim do poema, é o próprio indício da consciência aguda de sua postura frente a tudo aquilo que viu e ouviu, na qualidade de testemunha, em sua peregrinação infecta por entre espaços de exílio, e é a própria garantia de resistência diante do desconcerto do mundo. Jorge de Sena e o Minotauro: ao desterro, sempre! E ele, o poeta, fiel ao mundo e ao testemunho poético, sempre.

## Jorge de Sena and the Minotaur: To Exile, Always!

### ABSTRACT

Jorge de Sena was, above all, a poet “nascido em Portugal, de pais portugueses, e pai de brasileiros no Brasil [...]”, being “[...] talvez norte-americano quando lá estiver”, as his verses can testify. This article intends to analyze the poem “Em Creta, com o Minotauro”, published in **Peregrinatio ad loca infecta** (1969). For this purpose, the article is divided into three distinct, but connected moments: a brief presentation of the work in which the poem is inserted, based on its internal coherence: the topic of exile and pilgrimage; analysis of the poem starting from the phrase “**dedo sujo**” and its relation to the experience of exile; and conclusion.

Keywords: Landscape. Poetry. Jorge de Sena. Testimony.

## Referências

CARLOS, Luís Adriano. Poesia e referência em Jorge de Sena. In: **Jorge de Sena vinte anos depois**: o colóquio de Lisboa. Lisboa: Edições Cosmos, Câmara Municipal de Lisboa, outubro de 1988, 2001. p. 103-115.

COLLOT, Michel. Do horizonte da paisagem ao horizonte dos poetas. Tradução de Eva Nunes Chatel. In: ALVES, Ida Ferreira; FEITOSA, Márcia Manir Miguel (Org.). **Literatura e paisagem**: perspectivas e diálogos. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010. p. 191-203.

COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.

COLLOT, Michel. Pontos de vista sobre a percepção de paisagens. In: NEGREIROS, Carmem; ALVES, Ida; LEMOS, Masé (Org.). **Literatura e paisagem em diálogo**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012. p. 11-28 Disponível em: <<http://edicoesmakunaima.com/catalogo/2-critica-literaria/12-literatura-e-paisagem-em-dialogo>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FAGUNDES, Francisco Cota. Ser-se emigrante e exilado e como: “Em Creta, com o Minotauro”. Súmula poética do drama da emigração e exílio na poesia de Jorge de Sena. In: **Jorge de Sena vinte anos depois**: o colóquio de Lisboa. Lisboa: Edições Cosmos, Câmara Municipal de Lisboa, outubro de 1988, 2001.

GOTTARDI, Ana Maria. Poesia de Jorge de Sena. In: FERNANDES, Maria Lúcia Outeiro; GOBBI, Márcia Valéria Zamboni; JUNQUEIRA, Renata Soares (Org.). **Intelectuais portugueses e a cultura brasileira**: depoimentos e estudos. São Paulo: Editora UNESP; Bauru, SP: EDUSC, 2002. p. 237-247.

LOURENÇO, Jorge Fazenda. **A poesia de Jorge de Sena**: testemunho, metamorfose, peregrinação. Lisboa: Guerra e Paz, 2010.

LOURENÇO, Jorge Fazenda. Nem eu delicadezas vou contando: sobre a fortuna crítica de Jorge de Sena nos anos 40. In: **Jorge de Sena vinte anos depois**: o colóquio de Lisboa. Lisboa: Edições Cosmos, Câmara Municipal de Lisboa, outubro de 1988, 2001. p. 141-158.

LOURENÇO, Jorge Fazenda. **O essencial sobre Jorge de Sena**. Lisboa: Imprensa Nacional (Casa da Moeda), 1987.

MARTINHO, Fernando J. B. Leituras na poesia de Jorge de Sena. **Revista Colóquio/Letras**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, v. 67, maio, 1982.

MORNA, Fátima Freitas. **Poesia de Jorge de Sena**. Lisboa: Editorial Comunicação, 1985.

SALLES, Luciana. Biografias de um Minotauro: Jorge de Sena e a vida que se escreve a si mesma. In: MORÃO, Paula; CARMO, Carina Infante do. (Org.). **Escrever a vida: verdade e ficção**. Lisboa: Campo das Letras, 2008. p. 339-343.

SANTOS, Gilda. Da arte de ser multiplamente português num exílio brasileiro. In: **Jorge de Sena vinte anos depois: o colóquio de Lisboa**. Lisboa: Edições Cosmos, Câmara Municipal de Lisboa, outubro de 1988, 2001. p. 61-72.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SENA, Jorge de. **Poesia-I**. 2. ed. Lisboa: Círculo de Poesia – Moraes Editores, 1977.

SENA, Jorge de. **Poesia-II**. Lisboa: Círculo de Poesia – Moraes Editores, 1978.

SENA, Jorge de. **Poesia-III**. Lisboa: Círculo de Poesia – Moraes Editores, 1978.

SENA, Jorge de. **Poesia I**. ed. de Jorge Fazenda Lourenço. Guimarães Editores (Edição Babel), 2013.

SENA, Jorge de. **Poesia II**. Ed. de Jorge Fazenda Lourenço. Guimarães Editores (Edição Babel), 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

VOLPE, Miriam L. **Geografias de exílio**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.